

## **Bixas Pretas: políticas do olhar e a arte da afetividade<sup>1</sup>**

Diego Roberto Silva CAVALCANTE<sup>2</sup>

Letícia Xavier de Lemos CAPANEMA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### **RESUMO**

Este estudo discute os impactos do racismo e da homofobia sobre a afetividade de *bixas pretas* e como o cinema pode refletir tais problemáticas interseccionais, bem como suas contribuições na construção de imaginários possíveis sobre esses corpos. Para isso, nos voltamos para as discussões de bell hooks (2010, 2019, 2021) sobre amor e negritude e de Lucas Veigas (2019) sobre afeto na segunda diáspora, articulados ao conceito de *cuírlombismo*, de Tatiana Nascimento (2018). Por fim, destacamos obras audiovisuais para uma breve análise, a partir de seus aspectos estéticos, narrativos e discursivos, sobre os modos como representam a afetividade da *bixa preta*.

**PALAVRAS-CHAVE:** bixa preta; afetividade; cinema; interseccionalidade; *cuírlombismo*.

### **Introdução**

Este trabalho busca abordar certos danos do racismo e da heteronormatização, considerando suas sobreposições, que atingem pessoas atravessadas por tais demarcações. Sendo assim, faz-se necessário questionar os impactos raciais e de sexualidade sobre a afetividade desses corpos, e também como o cinema pode refletir e construir possíveis subjetividades afetivas de *bixas pretas* — termo aqui usado para se referir a homens negros cuja sexualidade é compreendida como homossexual.

No campo artístico, segundo Gilberto Sobrinho, *bixas pretas* é comumente utilizado para distinguir do padrão sexual branco (2020, p. 437); também enquadrado como negritude *cuír* (NASCIMENTO, 2018). Dessa maneira, empreendemos uma discussão sobre o amor e a afetividade da *bixa preta*, acionando um repertório de filmes que podem ser compreendidos como atuantes naquilo que passa a ser reconhecido como uma expressão do *cuírlombismo* (NASCIMENTO, 2018) cinematográfico.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 25 a 27 de maio de 2023.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), email: [cavalcante.diego16@gmail.com](mailto:cavalcante.diego16@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Cinema e Audiovisual da FCA-UFMT, email: [leticia.capanema@ufmt.br](mailto:leticia.capanema@ufmt.br)

## **Amor e afeto na segunda diáspora**

De acordo com a psicanalista Ana Suy (2023), a construção dos significados do amor é um terreno perigoso para a criança, afinal não existe a essência conclusiva do que de fato é o amor, tampouco o que não é o amor. Seu sentido permanentemente desloca, uma vez que se constrói/destrói com os efeitos da cultura e da linguagem. Nesse sentido, bell hooks destaca que o modo como vamos aprender a amar, é o modo como somos amados (2021, p. 189). Assim, considerando que o amor é uma “questão de vida ou morte para o ser humano” (SUY, 2022, p. 20-21), a criança elabora a *verdade* (e o contrário) diante daquilo que recebe.

Há uma fragilidade em considerar o amor enquanto sensações, o que bell hooks, a partir de Fromm, argumenta: “Se o amor fosse apenas um sentimento, não haveria base para a promessa de amar um ao outro para sempre. O sentimento vem e pode ir-se” (FROMM, 2002 apud hooks, 2021, p. 189). É também por meio deste amor-sentimento que a hegemonia racial, sexual e de gênero se esquia das desigualdades sociais e relações de poder. Nesse desarranjo, por exemplo, conseguem fabricar, em um único indivíduo, a ideia de um ser apaixonado e ao mesmo tempo abusador. “Amor e abuso não podem coexistir” (hooks, 2021, p. 46).

Contudo, há uma construção afetiva pregressa sobre as pessoas que enfrentam o racismo e a homofobia (hooks, 2010; VEIGAS, 2019). A partir do contexto escravocrata, hooks (2010) salienta as dificuldades coletivas da negritude com a arte e o ato de amar. O cenário de opressão criou, historicamente, condições inóspitas para que os melânicos nutrissem os seus processos afetivos. Afinal, praticar o amor após o sequestro de suas origens, a diáspora africana, vivenciar o matadouro chamado América e testemunhar a venda de parentes, faria deste sujeito mais “vulnerável a um sofrimento insuportável” (hooks, 2010). É com a escravidão, portanto, que se consolida a prática de repressão de sentimentos ou contenção das emoções como mecanismo de sobrevivência. É com a escravidão também que amar se torna coisa de *branco*.

Esses sistemas de dominação não só impediram a capacidade de amar, eles distorceram as poucas possibilidades. Portanto, não estamos falando só das ausências e seus impactos, mas também das interferências. O sistema torna-se mais eficaz quando

cerceiam a “nossa habilidade de querer e amar” (hooks, 2010). Se para hooks (2010) “não tem sido simples para as pessoas negras desse país [EUA] entenderem o que é amar” — mesmo sob o contexto *cis-hétero-normativo*; no contexto da *bixa preta* é retirado outra vez a possibilidade de integração e acolhimento, “mas de forma ainda mais nociva, haja vista que essa segunda barreira à aceitação se dá em seus próprios quilombos, ou seja, em sua família, em sua comunidade, e até mesmo nos movimentos negros” (VEIGA, 2019, p.81).

Lucas Veiga (2019) afirma que a descoberta de homens negros enquanto homossexuais reintroduz a experiência subjetiva destes corpos àquela sensação de diáspora; mas agora pela segunda vez, tensionado entre o deslocamento subjetivo da aceitação e o deslocamento forçado ao se “sair do armário”. Assim, à *bixa preta* é imposto negar a sexualidade a fim de preservar o *pouco* amor oferecido, aderindo à masculinidade heteronormativa, ou afirmar a sexualidade e ficar desprotegido em seus próprios espaços (VEIGA, 2019, p.81-82).

O cinema, por sua vez, contribuiu substancialmente para difusão do ideal de um *amor romântico*<sup>4</sup> — ou melhor, foi dado às pessoas brancas de performances hétero-cis a possibilidade de se projetarem e de se identificarem com esse ideal, e até mesmo, de questionarem e rejeitarem esse delírio cultural. Pessoas negras e lgbtqi+ se quer foram convocadas a essa idealização. A escritora Toni Morrison, em seu primeiro romance, *O olho mais azul*, narra o impacto do cinema sobre uma menina negra ao “descobrir”, através da grande tela, o amor e a beleza: “Além da ideia de amor romântico, foi apresentada a outra — à da beleza física. Provavelmente as ideias mais destrutivas da história do pensamento humano” (2019, p. 123). Imageticamente, o cinema, assim como outras formas expressivas, possui tal poder de criar processos de projeção e identificação a certos grupos sociais, e ao mesmo tempo de negar tais mecanismos a outros.

### **A política do olhar e a arte da afetividade negra *cuír***

Ser um corpo destoante do padrão (branco e/ou cis e/ou hétero e/ou magro) requer habilidades para lidar com a política do olhar. Seja pela falta, uma vez que esses

---

<sup>4</sup> O *amor romântico* está ligado diretamente ao desejo do amor perfeito.

espectros somados convergem para não-padronismo da beleza e do ideal de consumo para o amor romântico (VEIGA, 2019, p.83); ou seja pela ferocidade para ser notado e, por desprezo ou ódio, termina percebido como corpo indesejável ou abjeto. hooks em “Olhares negros: raça e representação” (2019), rememora relação do olhar com a comunidade negra, quando “os donos de escravos (homens, mulheres e crianças) puniam os negros escravizados por olhar” (2019, p.183); sendo negado o direito de olhar. Sendo assim, podemos afirmar que a vivência negra está diretamente ligada ao olhar: em seu concebimento e na contínua perpetuação. Mesmo que assuma o paradoxo de ora visível, mas sempre invisibilizado.

No cinema, e posteriormente no audiovisual, também se encontra relações desta política do olhar: câmera, ângulo, tela, espectador e personagens. À vista disso, Ismail Xavier (1988) reconhece semelhanças do olhar do espectador com a ótica da câmara e afirma: “discutir esta identificação e esta presença do mundo à minha consciência é, em primeiro lugar, acentuar as ações do aparato que constrói o olhar do cinema” (XAVIER, 1988, p.4). Sendo assim, pautado no não-pertencimento imposto à pessoa *cuír* e negra, uma vez que “sua imagem não é representada, seu corpo quando aparece é, quase sempre, em posição subalterna ou de modo pejorativo” (VEIGA, 2019, p.84). Assim, este trabalho questiona quais os olhares competem à “*bixa preta*” no cinema e no audiovisual brasileiro. Semelhantemente, faz-se pertinente elaborar a afetividade da *bixa preta* em espaços midiáticos, a fim de construir narrativas imbuídas de representatividade na (re)construção da autoestima enfraquecida (VEIGA, 2019, p.84).

Assim, este estudo propõe destrinchar a ideia de uma *Arte da Afetividade Negra Cuír* (CAVALCANTE, MATSUOKA, 2022, p.6), enquanto discurso, narrativas e estéticas cinematográficas, fundamentado pela ótica do *cuírlombismo* de Tatiana Nascimento (2018) encontrada em obras como *Bixa Travesty* (Claudia Priscilla, Kiko Goifman, 2018); *Afronte* (Marcus Vinicius Azevedo e Bruno Victor, 2017); *Trilogia da Bixa Preta* (Juan Rodrigues, 2015, 2017, 2019) e *Madame Satã* (Karim Aïnouz, 2002).

*Bixa Travesty* (2018) é um documentário que acompanha parte da trajetória de Linn da Quebrada. O filme, além promover provocações entre o campo sexual e de gênero, aborda algumas experiências solitárias em ser negro/as/xs. *Afronte* (2017), é um curta-documentário que incorpora a ficção e a autenticidade para mostrar a transformação de uma *bixa preta* na periferia do Distrito Federal. É um trabalho



pioneiro na representação de homens negros e *cuír* (SOBRINHO; RODRIGUES, 2022, p. 184). A trilogia da bixa preta, *Arco da Liberdade* (2015), *Arco do Medo* (2017) e *Arco do Tempo* (2019), em conjunto, são importantes pois apresentam uma trajetória pessoal e subjetiva das *bixas pretas*. Dos primeiros questionamentos (*Arco da Liberdade*), nas revoltas com o sistema opressor e elaboração da própria identidade (*Arco do Medo*) e por fim, a busca pela libertação através do coletivo e propõe debates sobre amor, afeto e dor. Por último, faz-se necessário pensar a representação ficcional sobre o corpo negro LGBTQIA+, para isso utilizaremos o filme *Madame Satã* (2000). O longa-metragem de ficção, além de apresentar um território geográfico e discursivo negro e *cuír*, exibe uma cena onde João Francisco (Madame Satã) incorpora entidades durante uma apresentação artística. Esse momento materializa imagetivamente o que Tatiana Nascimento propôs ao cunhar o termo *Cuírlombo*. Primeiro, pensar a negritude lgbtqi+ por meio de *itans* (iorubá significa contos) para neles buscar ancestralidade *cuír*. Segundo, apresentar mais que narrativas de denúncias, ainda que em seu contexto faça o espectador refletir. A questão, portanto, não é negar as dores, mas entender que há muitos campos, ficcionais ou não-ficcionais, que a *bixa preta* precisa imagetivamente experimentar.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. [Coleção valores e atitudes, série Valores; n. 1. Não discriminação].

\_\_\_\_\_. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>>. Acesso em: 20 de mar. 2023.

CAVALCANTE, Diego Roberto Silva; MATSUOKA, Leila Sayuri. **A elaboração do afeto negro no clipe Orgulho de Pacha Ana**”. *Cinema e Audiovisual em Mato Grosso*. Editora Paruna, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Brasília, DF: Anpocs, p. 223-244, 1984.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, 2016, 10: 24.

hooks, bell. **Olhares negros raça e representação**. [s.l.] São Paulo: Editora Elefante, 2019.

\_\_\_\_\_. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Editora Elefante, 2021.

\_\_\_\_\_. **Vivendo de amor**. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em: < [www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/](http://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/) >. Acesso em: 23 de mar. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019.

LOPES, Denilson. **História do cinema mundial**. Papyrus Editora, 2015.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. Companhia das Letras, 2019.

NASCIMENTO, Tatiana. **da palavra queerlombo ao cuíerlombo da palavra**. 2018. Disponível em <[www.edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5808148/mod\\_resource/content/1/da%20palavra%20queerlombo%20ao%20cui%CC%81erlombo%20da%20palavra%20\\_%20palavra%2C%20preta%21.pdf](http://www.edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5808148/mod_resource/content/1/da%20palavra%20queerlombo%20ao%20cui%CC%81erlombo%20da%20palavra%20_%20palavra%2C%20preta%21.pdf)> Acesso em: 23 de mar. 2023.

PINHO, Osmundo. **Qual é a identidade do homem negro?** Democracia viva, 2004, 22: 64-69.

QUINALHA, Renan. **Dossiê | O movimento LGBT brasileiro: 40 anos de luta**. In: Revista Cult, edição 235, 2018. Disponível em < <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-o-movimento-lgbt-brasileiro-40-anos-de-luta/> >. Acesso em: 05 de mar. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Letramento, 2017.

SOBRINHO, Gilberto Alexandre. **Bixa Travesty e o queerlombismo: a negritude trans no documentário**. Anais de textos completos do XXIII Encontro SOCINE. São Paulo: SOCINE, 2020, 435-440.

\_\_\_\_\_.; RODRIGUES, Natasha. **Cinema negro brasileiro**. Papyrus Editora, 2022: 177-198

SORANZ, G. Panorama do documentário brasileiro. Doc on-line, v. 01, p. 89. Disponível em: <[http://www.doc.ubi.pt/01/artigo\\_gustavo\\_soranz\\_brasil.pdf](http://www.doc.ubi.pt/01/artigo_gustavo_soranz_brasil.pdf)>. Acesso em: 21 de mar de 2023.

STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. Papyrus Editora, 2000.

SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. 2022.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Objetiva, 2018.

VEIGA, L. **As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil**. Tabuleiro de Letras, v. 12, n. 1, p. 77-88, 19 jul. 2019. Disponível em: < [10.35499/tl.v12i1.5176](https://doi.org/10.35499/tl.v12i1.5176) >. Acesso em: 20 de mar. 2023.